

O PROBLEMA DA RELAÇÃO MENTE-CORPO: AS PERSPECTIVAS DUALISTA E BEHAVIORISTA

Rui Rossi dos SANTOS
ruirossi@ruirossi.pro.br
<http://ruirossi.pro.br>

RESUMO

O objetivo desse artigo é apresentar duas doutrinas que defendem posições opostas acerca de um importante problema para a Filosofia da Mente: o problema da relação mente-corpo. A primeira parte desse artigo é dedicada a apresentar o campo interdisciplinar de investigação envolvido, atualmente, no estudo desse problema: as chamadas Ciências Cognitivas. O delineamento desse problema é realizado logo a seguir para esclarecer em que ele consiste. Depois disso, apresenta-se as bases sobre as quais estão assentadas as doutrinas dualista e behaviorista e como cada uma delas responde ao problema supracitado. Além disso, é realizada uma análise de ambas com o propósito de apontar as suas fragilidades.

Palavras-chave: Filosofia da Mente; dualismo; behaviorismo; substância.

1. Introdução

O ato de filosofar tem se caracterizado como uma busca extenuante por explicações acerca do que o ser humano é, do tipo de mundo no qual está inserido e sobre o tipo de vida que deve levar. A investigação sobre a natureza do homem e do mundo pertence ao campo da Metafísica e a investigação sobre a melhor forma de este homem conduzir sua vida pertence ao campo da Ética.

O problema da relação existente entre a mente e o corpo de um ser humano está envolvido tanto nas reflexões desenvolvidas no campo da Metafísica quanto nas que florescem no campo da Ética. A resposta a este problema faz toda a diferença sobre a nossa crença a respeito do que somos e de como devemos viver, uma vez que a escolha de um modo de viver depende diretamente do tipo de seres que pensamos ser.

Mas a filosofia não é a única interessada nesse problema; há representantes dentre as ciências naturais e dentre as ciências humanas que estão diretamente envolvidos em esforços de pesquisa que poderão lançar alguma luz sobre esta questão. Assim, o problema da relação mente/corpo não deve ser tomado como objeto de um único campo de investigação; trata-se de um objeto a ser investigado sob uma perspectiva multidisciplinar. Além da Filosofia, a Psicologia, a Neurobiologia, a Linguística, a Antropologia e a Inteligência Artificial são exemplos de campos de investigação com interesse sobre o problema supracitado.

A tendência milenar da Filosofia de isolar-se tem sido uma forte barreira para a sua aproximação das ciências que compõe o esforço multidisciplinar de investigação do problema da relação mente/corpo. Muitos acreditam que a reflexão

filosófica deve-se dar unicamente através da construção de raciocínios e não pode incluir quaisquer tipos de dados oriundos da experiência empírica; a utilização de dados oriundos de quaisquer ciências seria uma espécie de profanação da pureza do conhecimento filosófico. Esta é a posição adotada por diversas correntes dentro do pensamento metafísico e dirigida por uma velha imagem da filosofia, que conduz a um arrogante e tolo dogmatismo. Sob este ponto de vista, o filósofo tende a ser concebido como aquele que proclama doutrinas como provas obtidas pela "razão pura" e as ciências experimentais deveriam apenas confirmar as verdades por ele enunciadas.

Uma nova imagem da Filosofia atingiu seu auge no século XX. Mas esta nova imagem é tão ruim quanto a antiga. Aqui, se restringe o trabalho da Filosofia à descoberta do significado das palavras e das sentenças utilizadas pelo ser humano e afirma-se que ela não é capaz de determinar a veracidade ou falsidade de nada. Esta nova imagem da Filosofia encontrou sua maior expressão no pensamento de Wittgenstein, segundo o qual "a filosofia deixa tudo como está", ou seja, não faz diferença alguma (CAMPBELL, 1970, p. 11).

Ambas as imagens supracitadas são caricaturas do que a filosofia pode e deve ser. A filosofia não precisa competir com as ciências experimentais para conquistar alguma alegada superioridade e tampouco precisa abdicar de seu papel em favor de uma alegada competência completa das mesmas. De fato, qualquer diligência intelectual e todo crescimento do conhecimento implica tanto em um elemento de pesquisa quanto em um elemento de reflexão.

O presente texto apresenta o problema mente/corpo sob uma perspectiva multidisciplinar, tal como ele passou a ser investigado a partir do

século passado. Inicialmente, apresentar-se-á o surgimento das ciências cognitivas como um importante marco para a mudança de perspectiva acerca deste problema. A seguir, procurar-se-á delinear a forma como esse problema é enunciado e como ele tem sido investigado. Por fim, serão apresentadas duas das diversas soluções propostas para esse problema: o dualismo interacionista cartesiano e o behaviorismo analítico.

2. A origem das ciências cognitivas

A natureza humana inclui dois elementos fundamentais: a emoção e a razão. Mesmo sem perceber direito os limites entre ambos, as pessoas tendem a misturá-los e a separá-los como forma de conduzirem melhor a si mesmas. O que significa quando alguém diz que, em determinada circunstância, agiu com o coração? Sabemos, imediatamente, que não podemos interpretar o termo coração no contexto desta oração como o órgão responsável pelo bombeamento do sangue no corpo humano. Trata-se de uma expressão metafórica na qual esse termo poderia ser substituído pelo termo "emoção". Certamente, o que se quer dizer é que a ação realizada foi movida pela emoção. A empatia, antipatia, a tristeza, a alegria e a raiva são exemplos de sentimentos oriundos da natureza emocional do ser humano.

Entretanto, as ciências cognitivas não surgiram com o intuito de investigar a emoção humana e sim os eventos, processos e disposições mentais envolvidos na produção de conhecimento. Segundo SOARES (2000, p. 8), "podemos considerar as ciências cognitivas como sendo um conjunto de disciplinas que se uniram, sem perder suas características próprias e sua existência como disciplinas individualizadas, para investigar o conhecimento".

Com a construção dos primeiros computadores, por volta da década de 1940, várias ciências se aproximaram da computação e iniciaram o que pode ser concebido como as primeiras pesquisas com a metodologia própria que viria a caracterizar as ciências cognitivas. As pesquisas filosóficas e puramente especulativas abriram espaço para a pesquisa experimental. Esse tipo de experimentação passou a ser realizado utilizando-se modelos computacionais para simular as atividades cognitivas envolvidas no processo de produção do conhecimento. Isso significa que os computadores foram os instrumentos que permitiram a fundação de uma metodologia de pesquisa experimental que permitiu aos pesquisadores a realização de simulações acerca dos processos mentais implicados em atividades de produção de conhecimento.

As primeiras pesquisas cognitivas voltaram seus esforços para a tentativa de ampliar a compreensão acerca de como a mente humana percebe, transforma, armazena, recupera e utiliza a

informação. A união cooperativa de diversas ciências era condição para o progresso destas pesquisas. Foi neste contexto que houve uma aproximação do que passariam a ser conhecidas como as ciências cognitivas. Inicialmente, houve uma aproximação da Psicologia Cognitiva, da Linguística e da Inteligência Artificial. Posteriormente, também juntaram forças a estas a Lógica, a Antropologia, a Neurobiologia e um novo campo de estudo criado no seio da Filosofia: a Filosofia da Mente.

Um marco importante para a Filosofia da Mente contemporânea é o ano de 1949. Nesse ano, Gilbert Ryle publicou a obra intitulada "the concept of mind" e desafiou as concepções tradicionais da filosofia. "Dessa data até os dias de hoje as transformações nessa área da filosofia foram maiores do que as registradas nos dois mil anos que a antecederam" (COSTA, 2005, p. 7).

As ciências cognitivas partiram de alguns pressupostos fundamentais, quais sejam: "a existência de representações mentais, a consideração do computador como sendo [...] o mais poderoso elemento de manipulação simbólica e a rejeição dos aspectos emocionais" (SOARES, 2000, p. 10). Mesmo estando de acordo acerca da relevância da emoção, os pesquisadores acharam que ainda seria prematuro considerar fatores tão variáveis como estes juntamente com os aspectos cognitivos.

Talvez aqui, na própria origem das ciências cognitivas, esteja presente o motivo de suas maiores limitações. Se a emoção for um elemento essencial para a compreensão das atividades cognitivas do ser humano, as ciências que se propuseram a estudá-las tomaram o rumo errado ainda em seus primórdios.

3. O delineamento do problema

O problema da relação mente/corpo pode ser enunciado através da seguinte pergunta: qual é a relação, em um ser humano, entre sua mente e seu corpo? Entretanto, responder a esta questão pressupõe, primeiro, explicar o que é um corpo humano e o que é uma mente humana. Dessa forma, pode-se dizer que se trata de três problemas que convergem para um ponto comum. Além disso, segundo CAMPBELL (1970), há certas suposições que estão envolvidas com o problema da relação mente/corpo. O autor cita quatro delas: a suposição de que a mente é uma substância, a suposição da homogeneidade, a suposição da individualidade e a suposição da realidade da matéria.

A primeira destas suposições implica em conceber a mente como uma coisa que têm uma realidade efetiva, ou seja, que a mente existe de fato. É importante tomar cuidado com esta suposição, tendo em vista que não há garantia alguma de que isso seja verídico. A doutrina monista materialista, por exemplo, trata do problema da relação

mente/corpo partindo do pressuposto de que a mente não é uma substância.

A forma pela qual o problema da relação mente/corpo tem sido posto também implica em supor que tudo o que pertence ao corpo é de um determinado tipo e tudo o que pertence à mente é igualmente de um único tipo, mesmo que diferente do corpo. O fato é que se a mente não possui uma natureza singular, não poderia haver uma resposta singular a esse problema. Mas talvez a relação entre mente e corpo se manifeste de formas diversas entre diferentes pessoas. Se este for o caso, uma resposta diferente seria requerida para cada grupo diferente ou, até mesmo, para cada indivíduo particular.

Também se supõe a individualidade da mente. Isso significa pressupor que cada ser humano tem uma mente, uma mente completa, somente uma mente e uma mente que ninguém mais possui. É fácil perceber que sem esta suposição o problema da relação mente/corpo desaparece. Em seu lugar, teríamos de lidar com questões sobre como uma mente é compartilhada e como conhecemos nossos pensamentos através da introspecção e não conseguimos acessar os pensamentos de outras pessoas.

A realidade da matéria também é uma suposição fundamental neste contexto. Isso significa assumir que o mundo espaço-temporal é uma realidade independente de nós e de nosso conhecimento e que nosso próprio corpo faz parte dele. Além disso, isso também significa assumir que os conceitos da física e da química realmente se aplicam a este mundo.

De acordo com CAMPBELL (1970, p. 14), as diversas soluções rivais para o problema da relação mente/corpo trabalham sobre quatro proposições fundamentais:

- O corpo humano é uma substância material.
- A mente humana é uma substância espiritual.
- Mente e corpo interagem.
- Espírito e matéria não interagem.

Estas quatro proposições formam o que é conhecido como uma téttrade inconsistente. Três delas podem ser mutuamente consistentes, mas determinam a falsidade da quarta. Não há nenhuma forma de conciliar a contradição existente entre estas quatro proposições. Então, o problema da relação mente/corpo consiste em determinar qual destas quatro proposições é falsa.

A materialidade atribuída ao corpo na primeira proposição significa que ele possui propriedades comuns a quaisquer objetos existentes no mundo físico, tais como: massa, posição e volume. Isso também significa que ele é composto inteiramente de materiais conhecidos, como o carbono e o nitrogênio. Desse modo, o corpo deve responder a influências físicas e satisfazer somente as leis que governam toda e qualquer matéria.

A especificação da natureza espiritual da mente costuma ser feita através da indicação de contrastes com a definição de matéria. Assim, poderíamos dizer que um objeto espiritual é aquele que não possui nenhuma das qualidades da matéria, como massa, posição, volume e solidez. Desse modo, compreender-se a substância espiritual como aquela que não está sujeita às leis físicas. Uma definição positiva para substância espiritual costuma incluir duas características: consciência e intencionalidade. Assim, pode-se compreender a substância espiritual como algo imaterial e capaz de manter uma vida mental.

4. As doutrinas dualista e behaviorista

São diversas as soluções que foram apresentadas para o problema da relação mente/corpo ao longo da história. Neste tópico, serão apresentadas duas delas: o dualismo interacionista cartesiano e o behaviorismo analítico.

4.1 O dualismo interacionista cartesiano

Segundo COSTA (2005, p. 16), "o dualismo afirma que a mente é distinta e independente do corpo material". A doutrina dualista que ganhou maior expressão foi o dualismo substancial interacionista desenvolvido por René Descartes no século XVII e apresentado em sua obra intitulada *Meditações Metafísicas*. Neste caso, as três proposições tomadas como verdadeiras são as seguintes:

- O corpo humano é uma substância material.
- A mente humana é uma substância espiritual.
- Mente e corpo interagem.

São muitos os argumentos apresentados por Descartes para sustentar a sua doutrina dualista. O principal argumento consiste em afirmar que posso duvidar da existência do mundo material (incluindo meu próprio corpo), mas não posso duvidar de minha própria existência enquanto um ser pensante. Com base nisto, Descartes conclui que ele deve ser uma substância distinta do seu corpo.

Para negar a existência do mundo material, Descartes passa por três estágios e, em cada um deles, ele constrói um argumento: o argumento dos sentidos, o argumento dos sonhos e o argumento do gênio maligno. No argumento dos sentidos, Descartes dúvida da infalibilidade dos sentidos e conclui que estes podem falhar e que, portanto, todos os conhecimentos oriundos deles podem ser distorcidos. No argumento dos sonhos, afirma que podemos estar sonhando sem termos consciência disso e que tudo o que vemos, ouvimos e sentimos não se encontra presente. No argumento do gênio maligno, Descartes atinge o ápice da radicalidade de sua dúvida ao afirmar que todas as idéias presentes

em nossa mente podem ter sido implantadas por um suposto gênio maligno, que representa um ser todopoderoso e enganador, capaz de nos iludir até mesmo em relação às questões sobre as quais temos a mais forte convicção.

De acordo com MATTHEWS (2007, p. 23), a primeira falha de descartes está presente no próprio método adotado por ele para conduzir sua reflexão: a dúvida hiperbólica (ou metódica). Descartes resolve considerar falso tudo aquilo a respeito do que ele consiga levantar a menor dúvida. Trata-se de uma postura radical que consiste em afirmar a falsidade de tudo a respeito do que não se tenha certeza absoluta. Entretanto, o fato é que uma simples dúvida a respeito de alguma coisa não indica que ela seja realmente falsa.

Para COSTA (2005, p. 16), este procedimento cartesiano sustenta-se em uma lei concebida por Leibniz, segundo a qual se A e B representam a mesma coisa, tudo o que for afirmado a respeito de um deles precisaria ser afirmado também a respeito do outro. Entretanto, esta lei não se aplica aos verbos intencionais, como duvidar. Esta falha lógica no argumento cartesiano compromete a sua validade e, por conseguinte, toda a sua doutrina dualista. A aplicação da lei leibniziana a verbos intencionais provoca anomalias como a que está presente no argumento seguinte:

- Joane pode duvidar que o Superman existe.
- Joane não pode duvidar que Clark Kent existe.
- Logo, Clark Kent não é Superman.

Nesse caso, Joane pode ser uma amiga de Clark Kent e, por isso, não pode duvidar de sua existência. E se ela nunca ter visto o Superman, pode duvidar de sua existência. Entretanto, o fato de o Superman ser ou não a mesma pessoa que Clark Kent não depende do que pensa Joane. O mesmo problema ocorre na estrutura do argumento cartesiano, que pode ser expresso da seguinte forma:

- Descartes pode duvidar da existência de seu corpo.
- Descartes não pode duvidar de sua própria existência.
- Logo, ele deve ser uma coisa distinta de seu corpo.

É preciso perceber que o fato de Descartes ser ou não ser um corpo material não depende do que ele pensa. Assim, o fato de eu poder duvidar da existência de meu corpo e não poder duvidar de minha própria existência não garante que não são a mesma coisa. MATTHEWS (2007, p. 26) reforça esta objeção ao argumento cartesiano. Ele aponta a invalidez estrutural do mesmo e cita um exemplo de argumento claramente falso que poderia ser construído sob esta mesma estrutura: "Eu percebo, clara e distintamente que o triângulo possui um ângulo reto; mas eu duvido que o quadrado da hipotenusa seja igual ao quadrado dos outros lados;

portanto não pertence à essência do triângulo que o quadrado da hipotenusa seja igual ao quadrado dos outros dois lados."

Descartes também inferiu que, sendo a mente independente do mundo material, ela satisfaz todas as condições para se caracterizar como uma substância. Assim, a mente existiria sem precisar de qualquer outra coisa para garantir sua existência. Com isso, ele conclui que existem duas substâncias: a substância material, a *res extensa*, e a substância pensante ou mental, a *res cogitans* (DESCARTES, 1999).

São diversas as objeções levantadas contra o dualismo interacionista de Descartes. Uma delas, segundo COSTA (2005, p. 17), já havia sido expressa pela princesa Elisabeth de Boêmia, contemporânea de Descartes. A questão levantada por ela pode ser traduzida na seguinte pergunta: como pode a substância mental, que não possui nenhuma propriedade física, interagir causalmente com o corpo? Responder a esta questão implicaria em explicar como uma substância imaterial poderia interagir com uma substância material. Mas Descartes se limitou a dizer que certas coisas devem simplesmente ser aceitas como um mistério.

Há, ainda, muitas outras dificuldades enfrentadas pela doutrina dualista de Descartes. Uma lei física estabelece que a quantidade de energia do universo deve permanecer sempre a mesma (lei da conservação da energia); Mas se a alma imaterial interage com o corpo material e há troca de energia entre eles, esta lei precisaria ser revista. Também precisaríamos explicar os efeitos das drogas sobre a mente e como certas doenças que atingem o cérebro provocam efeitos tão devastadores sobre as atividades mentais do sujeito.

Ironicamente, RYLE (1949, p. 11) afirma que doutrina cartesiana acerca da natureza da mente é tão influente sobre os teóricos que deve ser descrita como a teoria oficial. Segundo ele, mesmo admitindo as dificuldades teóricas desta doutrina, eles assumem que tais dificuldades podem ser superadas sem mudanças arquiteturas da mesma. Em sua opinião, no entanto, os próprios princípios centrais da doutrina entram em franco conflito com tudo o que sabemos sobre a mente humana.

Em sua célebre frase "penso, logo existo", Descartes indica que a consciência e atividade mental precedem logicamente a própria constatação da existência. DAMÁSIO (1996) faz um contraponto a esta posição e diz que a assertiva correta seria que primeiro existo para, depois, poder pensar e que somente penso porque existo. Segundo ele, o pensamento é causado por estruturas que devem existir previamente. Seguindo uma concepção evolucionista, afirma que os seres já eram seres antes de haver qualquer homem na face da terra e, portanto, antes de haver qualquer tipo de consciência ou pensamento.

4.2 O behaviorismo analítico

A Psicologia somente adquiriu o status de ciência no final do século XIX e um fator decisivo para isso foi ter abandonado a concepção de que a sua única fonte de conhecimentos eram os relatos subjetivos dos indivíduos e o início de estudos do comportamento dos organismos complexos inseridos em diferentes ambientes através de observações e experimentações (SOARES, 2000, p. 18).

O núcleo central da Psicologia experimental era o estudo da relação existente entre o comportamento manifestado em relação às condições ambientais nas quais o organismo estava inserido. Esta técnica de pesquisa ficou conhecida como estímulo-resposta (E-R) e centrava-se na análise dos fatores ambientais como causa de um comportamento e não o comportamento em si mesmo. Este movimento se consolidou como uma doutrina, que ficou conhecida como behaviorismo.

De acordo com COSTA (2005, p. 18), o behaviorismo analítico é um movimento surgido na década de 1930 como uma reação à tradição que havia se criado a partir do dualismo interacionista cartesiano e tem suas raízes no behaviorismo experimental supracitado. Sob a perspectiva do behaviorismo analítico, o problema da relação mente/corpo passou a ser tratado de modo completamente diferente.

Fundamentalmente, o behaviorismo analítico propõe que não existe substância mental alguma ou, se existir, não desempenha nenhum papel relevante. Esta doutrina preceitua que "declarações sobre algum fenômeno mental aparente podem ser traduzidas em declarações sobre nossas inclinações a nos comportarmos de um certo modo" (MATTHEWS, 2007, p. 36). Desse modo, todos os conceitos que representam expressões da mente humana não devem ser analisados em si mesmos. A análise deve se limitar aos comportamentos manifestos ou às disposições dos indivíduos para manifestarem determinados comportamentos. Todo e qualquer aspecto subjetivo e privado deve ser ignorado. Esta nova doutrina propunha-se a realizar o truque de livrar-se para sempre da *res cogitans* cartesiana.

O termo disposição é utilizado para indicar propriedades que não se manifestam o tempo todo, mas somente sob certas condições. O vidro de uma janela é quebrável porque, sob determinadas condições, ele pode se quebrar (como quando é atingido por um avião ou por uma simples bola de futebol).

A explicação para um corpo ter a disposição de apresentar certas propriedades quando submetido a determinadas condições não é realizada com base nestas mesmas propriedades e sim em suas propriedades intrínsecas. Isso significa que se um corpo é quebrável é porque possui a disposição para se quebrar sob determinadas condições e que isso se

deve a certas propriedades intrínsecas deste corpo (a sua composição molecular).

Entretanto, a análise da mente em termos de disposições comportamentais faz surgir um sério problema para o behaviorismo analítico. Se um estado mental deve ser entendido como uma disposição para apresentar certos comportamentos e se não deve ser analisado em função do comportamento propriamente dito porque ele é algo a se manifestar, então só restaria estudá-lo a partir das propriedades intrínsecas dos estados cerebrais (COSTA, 2005, p. 21). Mas, admitindo-se isso, já estaríamos assumindo a postura de uma doutrina diferente do behaviorismo.

Outra objeção ao behaviorismo analítico é a de que esta doutrina implica em uma circularidade lógica. Se a própria atividade de análise de um estado mental produz novos estados mentais e se todos os estados mentais devem ser analisados em termos de comportamentos, haveria uma série indefinida de comportamentos a serem arrolados e analisados para se explicar um único estado mental.

5. Considerações finais

São diversas as doutrinas que foram construídas com o intuito de resolver o problema da relação mente-corpo. Muitos dos estudiosos que defendem cada uma delas continuam a debater esse problema e as produções de caráter filosófico e científico que resultam desse esforço trazem importante contribuição para a reflexão acerca do que somos e de como devemos viver. A Metafísica e a Ética são dois campos da Filosofia que são afetados diretamente pelas pesquisas desenvolvidas nesse campo de investigação interdisciplinar fantástico apresentado sob a denominação de Ciências Cognitivas. É a esse esforço que se une a Filosofia da Mente.

As perspectivas dualista e behaviorista, apresentadas no presente artigo, são apenas duas doutrinas que se debruçam sobre o problema da relação mente-corpo. Ambas esbarram em sérias dificuldades e estão muito longe de poderem ser tomadas como uma resposta satisfatória à questão. A contribuição da análise dessas doutrinas reside em indicar as anomalias que são produzidas no seio da Filosofia pelas atitudes radicais que são orgulhosamente cultivadas por alguns de seus mais ilustres membros e seguidas dogmaticamente pelos seus discípulos e adoradores.

A radicalidade que é inerente ao próprio método adotado por Descartes o levou a construir a uma doutrina que não se sustenta. A contribuição cartesiana para a Filosofia é um legado importante por muitos motivos. Entretanto, as bases que sustentam o dualismo substancial interacionista que ela defende são muito frágeis.

O behaviorismo analítico, por sua vez, também assumiu uma posição radical. Mas a posição

ocupada por essa doutrina situa-se no extremo oposto daquele defendido pelo dualismo cartesiano. Mas o fato é que, ao assumir uma posição radical de negação de toda e qualquer subjetividade, o behaviorismo analítico enredou por caminhos muito tortuosos e imergiu em contradições e em concepções contra-intuitivas.

Tendo em vista o exposto, pode-se inferir que a direção a ser tomada por aqueles que desejam investigar o problema da relação mente-corpo deve ser uma que se encontre entre os extremos apresentados. Há diversos esforços de pesquisas empreendidos no contexto das chamadas Ciências Cognitivas que visam exatamente isso. Os frutos que serão colhidos a partir das sementes que estão sendo plantadas pelos diversos estudiosos que se dedicam a isso poderão, em breve, lançar alguma luz sobre essa importante questão.

6. Referências

- CAMPBELL, Keith. **Body and mind**. Garden City, NY, USA: Anchor Books, 1970.
- COSTA, Claudio. **Filosofia da Mente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DAMÁSIO, António R. **O erro de descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- MATTHEWS, Eric. **Mente: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- RYLE, Gilbert. **The concept of mind**. London; New York: Hutchinson's University Library, 1949.
- SOARES, Adriana. **O que são ciências cognitivas**. São Paulo: Brasiliense, 2000.